

A ANÁLISE GRAMATICAL E A EXPLICAÇÃO DE TEXTOS

José Carlos de Azeredo

RESUMO

A língua que falamos é um domínio de conhecimento e de expressão que reflete, em contraponto radical, duas formas de estar no mundo: como quem repete e como quem cria. Podemos ter com a linguagem um relacionamento de sujeição às fórmulas prontas, contentando-nos com a repetição de um discurso aprendido, ou podemos aceitar o desafio de observar o funcionamento desse mesmo discurso e apropriarmos dos meios de colocar a língua a serviço de nossa criatividade e de nossas descobertas. Defende-se neste ensaio a segunda alternativa, como meio de oferecer aos estudantes uma real perspectiva de alargamento dos horizontes intelectuais e culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Língua e conhecimento; ensino da língua; explicação de textos.

Introdução

O que há em comum entre usar garfo e faca durante uma refeição, deslizar no gelo sobre patins e falar uma língua? Formulo esta pergunta porque já havia imaginado previamente a resposta: são exemplos de “habilidades aprendidas”. Nascemos com a aptidão (ou aptidões) para adquiri-las, mas só as desenvolvemos quando somos exigidos ou motivados pelos padrões, normas ou estilos da vida social. Há, porém, uma profunda diferença entre as três: a maioria das sociedades humanas espalhadas pelo globo desco-

nhece o garfo e a faca, o esporte da patinação sobre o gelo é praticado em uns poucos países, mas não há sociedade humana que não tenha desenvolvido, ao longo de sua história, um sistema de comunicação baseado em sons vocais a que chamamos língua.

Toda comunidade formada por seres humanos, por menor que seja e por mais simples que sejam seus hábitos de vida, se define, entre outras coisas, por um conjunto relativamente estável de representações do mundo em que vive: a rotina doméstica, as formas de subsistência, as ocupações profissionais, as práticas de devoção religiosa, as atividades de lazer etc. Neste caso, a língua atua fortemente como uma forma de conhecimento que *estabiliza* suas percepções e carências comunicativas naquilo que se pode chamar de *senso comum*. A língua que falam seus membros não só está a serviço dessa função fundamental, como a desempenha com absoluta eficiência, na medida em que tudo o que pertence ao universo sociocultural da comunidade pode ser dito e compreendido por meio dessa língua. À luz desse ponto de vista por assim dizer antropológico, conhecer a língua significa tão somente estar apto a servir-se dela para tomar parte na rotina social da comunidade. Ocorre, contudo, que essa participação pode implicar graus variados de envolvimento das pessoas – segundo os papéis que desempenham – e a estes diferentes papéis sempre correspondem habilidades comunicativas e competências verbais específicas.

Um mecânico de automóveis, um criador de pássaros, um comentarista esportivo inserem-se no sistema social como especialistas em certas áreas do conhecimento. É de se esperar que cada um domine, também, termos e expressões relativos aos componentes da respectiva especialidade. No caso específico do comentarista esportivo, esse domínio é inerente ao desempenho mesmo de sua tarefa. Se alguém quer tornar-se um especialista em pássaros, em mecânica de automóveis ou em um determinado esporte, precisa se apropriar da linguagem específica respectiva, que está, por assim dizer, disponível. Para dar tal oportunidade aos interessados, muitas instituições lhes oferecem treinamentos e experiências em estágios. Digamos que, nesses casos, a palavra é, sobretudo, um meio de objetivar e transferir conhecimento. Esta é a função que prevalece na disseminação do saber gerado pela ciência e nas atividades técnicas em geral.

A despeito de sua alta relevância cultural, não se pode superestimar esta função. A linguagem humana é qualificada pelo conjunto de suas funções, que

são muitas, todas igualmente relevantes no que têm em comum: delimitar um universo criado pelo ser humano e habitado exclusivamente por ele.

O senso comum e a linguagem

Empregando sons vocais, gestos ou sinais gráficos, os seres humanos exercitam uma aptidão que, acima de qualquer outra, os individualiza e os distingue no amplo e heterogêneo conjunto dos seres animados: a posse de uma *língua*. Embora seja uma singularidade da espécie humana, essa aptidão, diferentemente das demais, é geralmente compreendida como um dom natural. De fato, em condições físicas e psicológicas normais, a criança não precisa de nenhuma orientação explícita ou treinamento específico para aprender sua língua materna; basta que a escute no convívio regular com outras pessoas durante os três ou quatro primeiros anos de vida. Falar parece, de fato, não exigir nada mais que algum esforço muscular para expelir ar e produzir sons vocais que representam coisas e ideias. Por isso, para a maioria das pessoas, a língua é tão só uma habilidade elementar, nada mais que um dom prático que elas utilizam sempre que precisam ou simplesmente quando desejam.

Uma vez que se limitam à aparência dos fatos, estas observações repetem o que todo mundo já sabe. Elas estão aqui, no entanto, para ser postas em xeque, em nome de uma caracterização da língua que leve em conta sua íntima relação com a capacidade cognitiva humana e destaque sua indisputável relevância no processo pedagógico. Na realidade, a comunicação verbal envolve particularidades que a distinguem radicalmente das ‘aptidões naturais’.

O grande desafio assumido pelos que se ocupam cientificamente do estudo da linguagem verbal é esclarecer como os seres humanos estabelecem correspondências entre sequências sonoras e sentidos. São muitas as propostas para desvendar a questão, mas com certeza a solução jamais virá de uma só e determinada área do saber, por uma razão muito simples: o *significado*, aquilo que as pessoas expressam e põem em circulação por meio das palavras, não é um simples componente desses sinais, mas, adicionalmente, uma entidade heterogênea e mutante, à mercê de fatores situacionais, culturais e contextuais variados. A despeito desse fato que todos reconhecemos, este ensaio privilegia a atenção no material linguístico, uma vez que meu objetivo é destacar a relevância da análise gramatical na explicação de textos.

Um bem exclusivo do ser humano

Há no reino animal muitos seres que se comunicam com outros da mesma espécie por meio de sons. Entre os mais conhecidos estão os seres humanos, as aves e os macacos, dotados, por natureza, de recursos para a produção de sons comunicativos. Há, porém, uma diferença importantíssima entre os sons produzidos por bem-te-vis ou chimpanzés e os sons orais empregados pelo ser humano: somente os sons orais humanos formam o que chamamos de *língua*.

A comunicação entre aves ou entre macacos ocorre exclusivamente de acordo com o programa genético da respectiva espécie, não tem fundamentos socioculturais e atende a uma limitada gama de funções, com destaque para as que se relacionam ao chamado instinto de sobrevivência e de preservação da espécie: defesa, alimentação e acasalamento.

Noutras palavras, os animais se comunicam, sim, mas não o fazem por escolha, não se orientam pela vontade: são induzidos ao comportamento comunicativo por carências do corpo. Em suma, não têm “livre arbítrio” e, portanto, não escolhem entre “dizer alguma coisa” e “ficar em silêncio”, e tampouco praticam atos comunicativos de cortesia, como desejar boa sorte, pedir licença, pedir desculpas ou se despedir.

Já os atos comunicativos produzidos pelos seres humanos por meio de variados conjuntos de sinais – como as palavras – estão relacionados a acontecimentos socioculturais de que eles participam: os interlocutores sempre constroem uma imagem da situação interativa e observam um contrato de comunicação implícito coerente com essa imagem.

As informações, percepções, fantasias, opiniões, intuições que cada pessoa traz dentro de si constituem, evidentemente, uma experiência singular do mundo, que pode existir apenas no íntimo dessa pessoa e com ela deixar de existir um dia. Se, entretanto, essa pessoa decide compartilhar alguma parcela dessa experiência, sua única opção é objetivá-la por meio de um sistema simbólico, que não é um mero ‘meio de trocar informação’, mas, sobretudo, a forma pela qual aquela ‘experiência singular do mundo’ se torna conhecimento organizado para fins comunicativos. O léxico e a gramática são os componentes fundamentais desse sistema. Um e outra recortam e ordenam a experiência em categorias, modelando o ‘sentido’ a ser compartilhado.

Sendo a língua uma forma pela qual a comunidade que a fala conhece o mundo em que vive e o diz cotidianamente, sua função cultural básica consiste em retratar a própria rotina da vida social de seus usuários. Para tanto, ela disponibiliza uma ampla coleção de frases, construções e expressões, bem como de ditados/provérbios que servem para enquadrar situações da vida em esquemas de compreensão: ‘De grão em grão, a galinha enche o papo’; ‘Casa de ferreiro, espeto de pau’; ‘Nem tudo que reluz é ouro’. Boa parte da língua que falamos é estruturada, portanto, como um arquivo de ‘modos de dizer’, que implicam certa padronização e superficialidade da atividade do pensamento, mas asseguram agilidade ao processo comunicativo. Outra parte é formada pelas matrizes geradoras do raciocínio criativo, do discernimento e da reflexão que habilitam os usuários da língua à formulação pessoal do pensamento e à construção de textos para fins variados, como relatar um fato, sustentar uma opinião, descrever um objeto, explicar como um aparelho funciona etc.

Por outro lado, as palavras não são meros reflexos ou substitutos das coisas que nomeiam, nem, tampouco, uma espécie de ‘embalagem’ ou ‘corredor’ dos pensamentos. Os objetos, as coisas de que falamos geralmente estão fora do alcance de nossos olhos e de nossas mãos, e muitas vezes só existem como ficções ou fantasias. Se é verdade que a palavra torna presente qualquer objeto real ausente, também é verdade que ela dá corpo a ‘objetos’ que só existem como conceitos que abstraímos de situações (*liberdade, pobreza, coragem, censura*) ou como entidades imaginárias ou de existência ainda não comprovada (*fada, lobisomem, marciano*). Só conseguimos construir raciocínios e enredos com estes conceitos e entidades porque dispomos das palavras e de suas combinações segundo a gramática da língua em enunciados/textos. O que chamamos de ‘assunto’ ou ‘tema’ é, necessariamente, um objeto apreendido nas malhas de uma linguagem.

Ou seja, os sentidos que circulam por meio de nossos discursos não estão alojados na mente do enunciador como entidades abstratas à espera de que as palavras os captem e os tornem acessíveis ao ouvinte ou leitor. Esses sentidos só ‘ganham vida’ de fato quando são objetivados no discurso mediante a seleção das unidades léxicas e os diversos procedimentos gramaticais necessários à textualização delas.

Tomo a Berger e Luckmann uma passagem que referenda esse perfil da linguagem: “A linguagem me fornece a imediata possibilidade de contínua

objetivação de minha experiência em desenvolvimento. Em outras palavras, a linguagem é flexivelmente expansiva, de modo que me permite objetivar um grande número de experiências que encontro em meu caminho no curso da vida. A linguagem também tipifica as experiências, permitindo-me agrupá-las em categorias, em termos das quais tem sentido não somente para mim, mas também para meus semelhantes.¹”

Esse agrupamento das experiências em categorias compartilhadas decorre de uma propriedade menos óbvia da linguagem: seu papel na construção do conhecimento. Com efeito, nossa relação com as coisas do mundo em geral e com a linguagem em particular nos propicia tanto contatos repetidos com um cotidiano sem surpresas, quanto experiências que desequilibram nosso universo de conhecimentos e valores. A língua que falamos é um domínio de conhecimento e de expressão que reflete essas duas maneiras de estar no mundo. Conclui-se daí que podemos ter com a linguagem um relacionamento de sujeição às fórmulas prontas, contentando-nos com a repetição de um discurso aprendido, ou podemos aceitar o desafio de observar o funcionamento desse mesmo discurso e descobrir os meios de colocar a língua a serviço de nossa criatividade. A segunda alternativa é, obviamente, a que oferece uma real perspectiva de alargamento dos horizontes intelectuais e culturais dos estudantes.

De Platão aos nossos dias, a relação entre linguagem e pensamento nunca deixou de ser objeto de curiosidade e reflexão. No meio universitário, é comum citar o autor do Crátilo quando o assunto é a relação entre a matéria sonora de uma palavra e o significado que ela veicula. A teoria da arbitrariedade do signo, retomada e difundida desde a publicação do *Cours de linguistique générale*, de Ferdinand de Saussure, em 1915, foi por muito tempo um dos pilares do empreendimento estruturalista, mas se tornou alvo de contestação nas propostas atuais de funcionalistas e cognitivistas. Alheio a todo o debate acadêmico, porém, um poeta popular decidiu dizer o que pensava, nesses termos: “Uma outra anormalidade / precisa ser corrigida: / É na palavra AFOGADO / Que não é bem traduzida: / Quem caiu na água e morreu / AGUADO perdeu a vida. // Não estando essa água quente, / Ninguém por ela é queimado... /

¹ BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 57.

Portanto, o verbo AFOGAR / Só deverá ser usado / Quando se tratar de fogo, / Donde ele é derivado.”² O poeta estava enganado quanto à origem de *afogar*, mas deixou clara sua preocupação com os mistérios da linguagem e uma certa disposição de desvendar um deles.

Por sua vez, recorrendo a analogias e contrastes muito sugestivos, Rubem Alves discorreu em tom poético sobre a importância da palavra para a revelação de certas potencialidades humanas:

“O corpo é o lugar fantástico onde mora, adormecido, um universo inteiro. Como na terra moram adormecidos os campos e suas mil formas de beleza, e também as monótonas e previsíveis monoculturas; como na lagarta mora adormecida uma borboleta, e na borboleta, uma lagarta; como nos sapos moram príncipes, e nos príncipes, sapos; como em obedientes funcionários que fazem o que deles se pede moram poetas e inventores que voam pelos espaços sem fim dos sonhos. Tudo adormecido. O que vai acordar é aquilo que a palavra vai chamar.

As palavras são entidades mágicas, potências feiticeiras, poderes bruxos que despertam os mundos que jazem dentro do nosso corpo, num estado de hibernação, como sonhos. Nosso corpo é feito de palavras. Assim, podemos ser príncipes ou sapos, borboletas ou lagartas, campos selvagens ou monoculturas, poetas e inventores ou monótonos funcionários. Diferentes dos corpos dos animais, que nascem prontos ao fim de um processo biológico, o nosso corpo, ao nascer, é um caos grávido de possibilidades, à espera da palavra que fará emergir, do seu silêncio, aquilo que ela invocou. Um infinito e silencioso teclado que poderá tocar dissonâncias sem sentido, sambas de uma nota só, ou sonatas e suas incontáveis variações.”³

² MOTA, Leonardo. *Sertão alegre* (Poesia e linguagem do sertão nordestino). Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968.

³ ALVES, Rubem. *Conversas sobre educação*. 6. ed. Campinas: Verus, 2003.

O inconformismo do poeta e a reflexão do filósofo e educador deixam em xeque a imagem corrente – mas redutora – de língua como simples meio de comunicação, por mais que ela desempenhe com eficiência essa função. Poetas e filósofos têm isso em comum: a busca de sentidos possíveis e geralmente insuspeitos, que as palavras do dia a dia e suas combinações usuais sonegam aos usuários.

A título de ilustração

Na sequência, vamos ilustrar em três subseções desdobramentos possíveis desse olhar sobre a linguagem, mediante comentários a textos. Na primeira subseção, vamos comparar fragmentos que tratam diferentemente de tópicos comuns; na segunda, exploraremos os efeitos da mudança de certas especificações gramaticais por meio da reescrita de um texto; na terceira, por fim, comentaremos, à luz dos procedimentos gramaticais, a organização semântica de um poema.

Subseção I

Os tópicos dos quatro fragmentos da subseção I são o espantalho (dois fragmentos) e a água (dois fragmentos).

Fragmento 1:

“**ESPANTALHO** s.m. Boneco de palha ou qualquer objeto que se põe nas árvores ou nos campos cultivados para espantar aves ou roedores.”⁴

Fragmento 2:

“O ESPANTALHO

Eu vivo de não ser nada e em molambos me disfarço. Existo de mentira. E só aponto para o longe quando meus braços se encham de vento. Mas o meu olhar de órbitas vazias vigia. Os bichos não se aproximam, as crianças têm medo. Enquanto isso, a paisagem se regala e meu vale reverdece.”⁵

⁴ GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

⁵ MACHADO, Aníbal M. *Cadernos de João*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

Fragmento 3:

“A água é essencial à existência de todos os seres vivos e é o meio ambiente de todos os animais e plantas aquáticos, ou seja, da maioria das espécies. Ela constitui o elemento principal de todas as células no estado de vida ativa; enfim, nos seres de grande porte, ela forma o essencial do líquido circulante (seiva das plantas, sangue dos animais).”⁶

Fragmento 4:

“A água / surgiu tardia no universo / quando o furor / inicial / da matéria se aplacou / e deu vez / a coisas mais sutis / que apareceram / como os tecidos vivos / as lentes de nossos olhos / os sonhos e os pensamentos / que em última instância / da água nasceram.”⁷

O primeiro par de fragmentos tem por assunto o espantalho, assim como a água é matéria comum aos fragmentos do par seguinte. O foco de nossas reflexões neste ensaio é outro, porém: o que nos interessa é o que faz de um assunto um conteúdo textual. Desse ponto de vista, é preciso fazer outro agrupamento, reunindo 1 e 3 em um par, e 2 e 4 em outro.

A afinidade entre os fragmentos 1 e 3 está no respectivo gênero e no discurso utilizado. O que se busca por meio de ambos é satisfazer o desejo de informação do leitor. Nesse sentido, é necessário que as palavras e suas combinações não pareçam ter algo de especial ou singular, cujo efeito seja desviar a atenção do leitor para a materialidade do texto, em detrimento da informação.

Por outro lado, os fragmentos 2 e 4 revelam modos bem particulares de abordar os mesmos tópicos dos fragmentos 1 e 3. O fragmento 2 também tem o espantalho por assunto, e, tanto quanto o fragmento 1, descreve o objeto e menciona sua finalidade, mas é notável, logo de saída, uma diferença radical entre os dois: o fragmento 2 é enunciado na primeira pessoa: o objeto do texto é também o seu sujeito. O vocabulário (*disfarçar*, *molambo*) revela avaliações subjetivas do enunciador relativamente àquilo de que fala: ‘molambo’ designa, do ponto de vista de quem olha para o espantalho, o material de que ele é feito, mas o próprio espantalho assume que o molambo não é sua essência, mas

⁶ GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

⁷ GULLAR, Ferreira. *Em alguma parte alguma*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

seu traje, escolhido para iludir (*me disfarço*). O retrato que o espantalho faz de si contém um paradoxo: ele precisa existir para poder falar, mas usa a fala para declarar a própria inexistência (é *nada*, *mentira* e *vento*); seus olhos são vazios, mas ele vigia, observa; mesmo sendo *nada* e *mentira*, é graças a ele que a natureza se mostra exuberantemente viva à sua volta.

Estamos diante de dois perfis da figura do espantalho. No primeiro, ele é retratado em sua dimensão convencional e estritamente funcional, por meio de uma linguagem convencional e funcional. No segundo, convertido em personagem, ele é um sujeito que fala, consciente de sua imagem e sensível aos efeitos de sua presença: os atributos convencionais são reinterpretados, de sorte que o resultado é uma figura poeticamente paradoxal.

O quarto texto começa como um discurso típico da história (*A água surgiu tardia no universo*). O leitor tem a impressão de que vai ler um texto científico, mas essa hipótese é abalada quando ele lê a sequência (*quando o furor inicial da matéria se aplacou*). O leitor se pergunta se cabe, em um texto científico, retratar a matéria como um animal enfurecido. Ele pode minimizar esse impasse, já que o discurso da ciência também se vale de metáforas, e decidir ir em frente. Eis, porém, que depara com a enumeração das coisas que apareceram com o surgimento da água; as *coisas mais sutis* vão do óbvio concreto (*tecidos vivos*) ao inesperado e abstrato (*os sonhos e os pensamentos*). O leitor conclui que esse texto é uma sequência de surpresas montadas pela linguagem.

O que é, então, comum aos textos 2 e 4? Em primeiro lugar, ambos revelam uma atitude de ruptura com os esquemas lógicos e convencionais da linguagem típicos do emprego da língua em função predominantemente instrumental. O que esses textos comunicam não é o testemunho de um “dado do mundo” situado fora deles – como fazem os textos 1 e 3 –, mas uma experiência de significados novos projetada pela linguagem. Enquanto os textos 1 e 2 procuram construir pelo discurso uma *imagem fiel* de um objeto real, os textos 2 e 4 transportam o leitor para uma realidade que só existe como produto da imaginação poética, e, portanto, como exercício criativo da linguagem. São textos que não se propõem a atender a uma demanda social razoavelmente estabelecida – função assumida pelos textos 1 e 3 –, mas a projetar o leitor em um universo alternativo de vivências criado pelo poder simbólico da palavra. Trata-se de textos que, mesmo dizendo-nos “o que já sabemos”, lemos e relemos enredados pelo magnetismo de uma construção incomum ou pelo efeito

de um ângulo novo escolhido pelo enunciador, graças ao qual se revela uma face insuspeita de algum objeto familiar. Este é o domínio amplo da literatura e, em particular, da poesia.

Subseção II

O texto da segunda subseção é um fragmento do miniconto *O afogado*, integrante do livro *A borboleta amarela*, de Rubem Braga. O fragmento é submetido a uma sequência de reescritas em que ora se altera a pessoa do narrador, ora se modifica a época do fato relativamente ao momento da enunciação, ora se misturam estas duas espécies de mudanças.

Texto original

“Não, não dá pé. Ele já se sente cansado, mas compreende que ainda precisa nadar um pouco. Dá cinco ou seis braçadas, e tem a impressão de que não saiu do lugar. Pior: parece que está sendo arrastado para fora. Continua a dar braçadas, mas está exausto.

A força dos músculos esgotou-se; sua respiração está curta e opressiva. E preciso ter calma. Vira-se de barriga para cima e tenta se manter assim, sem exigir nenhum esforço dos braços doloridos. Mas sente que uma onda grande se aproxima. Mal tem tempo para voltar-se e enfrentá-la. Por um segundo pensa que ela vai desabar sobre ele, e consegue dar duas braçadas em sua direção. Foi o necessário para não ser colhido pela arrebentação: é erguido, e depois levado pelo repuxo. Talvez pudesse tomar pé, ao menos por um instante, na depressão da onda que passou. Experimenta; não. Essa tentativa frustrada irrita-o e cansa-o. Tem dificuldade de respirar, e vê que já vem outra onda. Seria melhor talvez mergulhar, deixar que ela passe por cima ou o carregue; mas não consegue controlar a respiração e fatalmente engoliria água; com o choque perderia os sentidos. E outra vez suspenso pela água e novamente se deita de costas, na esperança de descansar um pouco os músculos e regular a respiração; mas vem outra onda imensa. Os braços negam-se a qualquer esforço; agita as pernas para se manter na superfície e ainda uma vez consegue escapar à arrebentação.”⁸

O narrador relata o episódio à medida que este se desenrola diante de seus olhos e tem conhecimento de tudo que se passa, captando até mesmo os

⁸ BRAGA, Rubem. *A borboleta amarela*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.

sentimentos do personagem. Estas particularidades podem ser exploradas em um fecundo exercício de reelaboração textual com vista à reflexão sobre o funcionamento dos recursos de expressão das categorias gramaticais de pessoa e tempo, integrantes que são do que Emile Benveniste chamou *aparelho formal da enunciação*⁹. O objetivo dessa atividade é que ela provoque reflexões sobre o fundamento das soluções propostas: alternativas igualmente plausíveis, uma alternativa preferível a outra etc.

Proponho sete versões; as alterações vão marcadas por negrito.

Primeira reelaboração, em que a narração é assumida pelo personagem, na primeira pessoa.

Não, não dá pé. **Eu** já **me sinto** cansado, mas **compreendo** que ainda **preciso** nadar um pouco. **Dou** cinco ou seis braçadas, e **tenho** a impressão de que não **saí** do lugar. Pior: parece que **estou** sendo arrastado para fora. **Contínuo** a dar braçadas, mas **estou** exausto.

A força dos músculos esgotou-se; **minha** respiração está curta e opressa. É preciso ter calma. **Viro-me** de barriga para cima e **tento me** manter assim, sem exigir nenhum esforço dos braços doloridos. Mas **sinto** que uma onda grande se aproxima. Mal **tenho** tempo para voltar-**me** e enfrentá-la. Por um segundo **penso** que ela vai desabar sobre **mim**, e **consigo** dar duas braçadas em sua direção. Foi o necessário para não ser colhido pela arrebentação: **sou** erguido, e depois levado pelo repuxo. Talvez pudesse tomar pé, ao menos por um instante, na depressão da onda que passou. **Experimento**; não. Essa tentativa frustrada irrita-**me** e cansa-**me**. **Tenho** dificuldade de respirar, e **vejo** que já vem outra onda. Seria melhor talvez mergulhar, deixar que ela passe por cima ou **me** carregue; mas não **consigo** controlar a respiração e fatalmente engoliria água; com o choque perderia os sentidos. **Sou** outra vez suspenso pela água e novamente **me deito** de costas, na esperança de descansar um pouco os mús-

⁹ “Assim a enunciação é diretamente responsável por certas classes de signos que ela promove literalmente à existência. Porque eles não poderiam surgir nem ser empregados no uso cognitivo da língua. E preciso então distinguir as entidades que têm na língua seu estatuto pleno e permanente e aquelas que, emanando da enunciação, não existem senão na rede de “indivíduos” que a enunciação cria e em relação ao “aqui-agora” do locutor.” (BENVENISTE, Emile. *Problemas de linguística geral 2*. São Paulo: Pontes, 1989)

culos e regular a respiração; mas vem outra onda imensa. Os braços negam-se a qualquer esforço; **agito** as pernas para **me** manter na superfície e ainda uma vez **consigo** escapar à arrebentação.

Segunda reelaboração, em que o episódio é situado em época anterior ao momento da enunciação/narração.

Não, não **dava** pé. Ele já se **sentia** cansado, mas **compreendia** que ainda **precisava** nadar um pouco. Deu cinco ou seis braçadas, e **teve** a impressão de que não **saía** do lugar. Pior: parecia que **estava** sendo arrastado para fora. **Continuava** a dar braçadas, mas **estava** exausto.

A força dos músculos **esgotara-se**; sua respiração **estava** curta e opressa. **Era** preciso ter calma. **Virou-se** de barriga para cima e **tentou** se manter assim, sem exigir nenhum esforço dos braços doloridos. Mas **sentiu** que uma onda grande se **aproximava**. Mal **teve** tempo para voltar-se e enfrentá-la. Por um segundo **pensou** que ela **ia** desabar sobre ele, e **conseguiu** dar duas braçadas em sua direção. **Foi** o necessário para não ser colhido pela arrebentação: **foi** erguido, e depois levado pelo repuxo. Talvez pudesse tomar pé, ao menos por um instante, na depressão da onda que **passara**. **Experimentou**; não. Essa tentativa frustrada **irritou-o** e **cansou-o**. **Teve** dificuldade de respirar, e **viu** que já **vinha** outra onda. Seria melhor talvez mergulhar, deixar que ela **passasse** por cima ou o carregasse; mas não **conseguiu** controlar a respiração e fatalmente engoliria água; com o choque perderia os sentidos. **Foi** outra vez suspenso pela água e novamente **se deitou** de costas, na esperança de descansar um pouco os músculos e regular a respiração; mas **veio** outra onda imensa. Os braços **negaram-se** a qualquer esforço; **agitou** as pernas para se manter na superfície e ainda uma vez **conseguiu** escapar à arrebentação.

Terceira reelaboração, em que a narração é assumida pelo personagem, na primeira pessoa, e o episódio é situado em época anterior ao momento da enunciação (esta versão combina as alterações das duas reelaborações anteriores).

Não, não **dava** pé. **Eu** já **me sentia** cansado, mas **compreendia** que ainda **precisava** nadar um pouco. **Dei** cinco ou seis braçadas, e **tive** a impressão de

que não saía do lugar. Pior: parecia que estava sendo arrastado para fora. Continuei a dar braçadas, mas estava exausto.

A força dos músculos esgotara-se; minha respiração estava curta e opressa. Era preciso ter calma. Virei-me de barriga para cima e tentei me manter assim, sem exigir nenhum esforço dos braços doloridos. Mas senti que uma onda grande se aproximava. Mal tive tempo para voltar-me e enfrentá-la. Por um segundo pensei que ela ia desabar sobre mim, e consegui dar duas braçadas em sua direção. Foi o necessário para não ser colhido pela arrebentação: fui erguido, e depois levado pelo repuxo. Talvez pudesse tomar pé, ao menos por um instante, na depressão da onda que passara. Experimentei; não. Essa tentativa frustrada irritou-me e cansou-me. Tive dificuldade de respirar, e vi que já vinha outra onda. Seria melhor talvez mergulhar, deixar que ela passasse por cima ou me carregasse; mas não consegui controlar a respiração e fatalmente engoliria água; com o choque perderia os sentidos. Fui outra vez suspenso pela água e novamente me deitei de costas, na esperança de descansar um pouco os músculos e regular a respiração; mas veio outra onda imensa. Os braços negaram-se a qualquer esforço; agitei as pernas para me manter na superfície e ainda uma vez consegui escapar à arrebentação.

Quarta reelaboração, em que há mais de um personagem, um dos quais é o narrador.

Não, não dá pé. Nós já nos sentimos cansados, mas compreendemos que ainda precisamos nadar um pouco. Damos cinco ou seis braçadas, e temos a impressão de que não saímos do lugar. Pior: parece que estamos sendo arrastados para fora. Continuamos a dar braçadas, mas estamos exaustos.

A força dos músculos esgotou-se; nossa respiração está curta e opressa. É preciso ter calma. Viramo-nos de barriga para cima e tentamos nos manter assim, sem exigir nenhum esforço dos braços doloridos. Mas sentimos que uma onda grande se aproxima. Mal temos tempo para voltar-nos e enfrentá-la. Por um segundo pensamos que ela vai desabar sobre nós, e conseguimos dar duas braçadas em sua direção. Foi o necessário para não sermos colhidos pela arrebentação: somos erguidos, e depois levados pelo repuxo. Talvez pudessemos tomar pé, ao menos por um instante, na depressão da onda que passou. Experimentamos; não. Essa tentativa frustrada irrita-nos e cansa-nos. Temos

dificuldade de respirar, e **vemos** que já vem outra onda. Seria melhor talvez mergulhar, deixar que ela **passe** por cima ou **nos carregue**; mas não **conseguimos** controlar a respiração e fatalmente **engoliríamos** água; com o choque **perderíamos** os sentidos. Somos outra vez **suspensos** pela água e novamente **nos deitamos** de costas, na esperança de descansar um pouco os músculos e regular a respiração; mas **vem** outra onda imensa. Os braços negam-se a qualquer esforço; **agitamos** as pernas para **nos mantermos** na superfície e ainda uma vez **conseguimos** escapar à arrebentação.

Quinta reelaboração, em que se repete a alteração no número de personagens (quarta reelaboração) e se põe o episódio em época anterior ao momento da enunciação.

Não, não dava pé. Nós já **nos sentíamos cansados**, mas **compreendíamos** que ainda **precisávamos** nadar um pouco. **Demos** cinco ou seis braçadas, e **tivemos** a impressão de que não **saíramos** do lugar. Pior: **parecia** que **estávamos** sendo **arrastados** para fora. **Continuamos** a dar braçadas, mas **estávamos exaustos**.

A força dos músculos **esgotara-se**; **nossa** respiração **estava** curta e opressa. Era preciso ter calma. **Viramo-nos** de barriga para cima e **tentamos nos** manter assim, sem exigir nenhum esforço dos braços doloridos. Mas **sentimos** que uma onda grande se **aproximava**. Mal **tivemos** tempo para voltar-**nos** e enfrentá-la. Por um segundo **pensamos** que ela **ia** desabar sobre **nós**, e **conseguimos** dar duas braçadas em sua direção. **Fora** o necessário para não **sermos** **colhidos** pela arrebentação: **fomos erguidos**, e depois **levados** pelo repuxo. Talvez **podéssemos** tomar pé, ao menos por um instante, na depressão da onda que **passara**. **Experimentamos**; não. Essa tentativa frustrada **irritou-nos** e **cansou-nos**. **Tivemos** dificuldade de respirar, e **vimos** que já **vinha** outra onda. Seria melhor talvez mergulhar, deixar que ela **passasse** por cima ou **nos carregasse**; mas não **conseguimos** controlar a respiração e fatalmente **engoliríamos** água; com o choque **perderíamos** os sentidos. **Fomos** outra vez **suspensos** pela água e novamente **nos deitamos** de costas, na esperança de descansar um pouco os músculos e regular a respiração; mas **veio** outra onda imensa. Os braços **negaram-se** a qualquer esforço; **agitamos** as pernas para **nos mantermos** na superfície e ainda uma vez **conseguimos** escapar à arrebentação.

Sexta reelaboração, em que o narrador situa o episódio em época posterior ao momento da enunciação.

Não, não **dará** pé. Ele já se **sentirá** cansado, mas **compreenderá** que ainda **precisará** nadar um pouco. **Dará** cinco ou seis braçadas, e **terá** a impressão de que não **saiu** do lugar. **Pior: parecerá** que **estará** sendo arrastado para fora. **Continuará** a dar braçadas, mas **estará** exausto.

A força dos músculos se **esgotará**; **sua** respiração estará curta e opressa. **Será** preciso ter calma. **Ele se virará** de barriga para cima e **tentará** se manter assim, sem exigir nenhum esforço dos braços doloridos. Mas **sentirá** que uma onda grande se **aproximará**. Mal **terá** tempo para voltar-se e enfrentá-la. Por um segundo **pensará** que ela **irá** desabar sobre **ele**, e **conseguirá** dar duas braçadas em sua direção. **Será** o necessário para não ser colhido pela arrebentação: **será** erguido, e depois levado pelo repuxo. Talvez **possa** tomar pé, ao menos por um instante, na depressão da onda que **terá** passado. **Experimentará**; não. Essa tentativa frustrada **o irritará** e **o cansará**. **Terá** dificuldade de respirar, e **verá** que já **estará** vindo outra onda. **Será** melhor talvez mergulhar, deixar que ela passe por cima ou **o** carregue; mas não **conseguirá** controlar a respiração e fatalmente **engolirá** água; com o choque **perderá** os sentidos. **Será** outra vez suspenso pela água e novamente **se deitará** de costas, na esperança de descansar um pouco os músculos e regular a respiração; mas **virá** outra onda imensa. Os braços se **negarão** a qualquer esforço; **ele agitará** as pernas para **se** manter na superfície e ainda uma vez **conseguirá** escapar à arrebentação.

Sétima reelaboração, em que o narrador se dirige ao personagem e situa o episódio em época posterior ao momento da enunciação.

Não, não **dará** pé. **Você** já se **sentirá** cansado, mas **compreenderá** que ainda **precisará** nadar um pouco. **Dará** cinco ou seis braçadas, e **terá** a impressão de que não **saiu** do lugar. **Pior: parecerá** que **estará** sendo arrastado para fora. **Continuará** a dar braçadas, mas **estará** exausto.

A força dos músculos se **esgotará**; **sua** respiração estará curta e opressa. **Será** preciso ter calma. **Você se virará** de barriga para cima e **tentará** se manter assim, sem exigir nenhum esforço dos braços doloridos. Mas **sentirá** que uma onda grande se **aproximará**. Mal **terá** tempo para voltar-se e enfrentá-la. Por

um segundo **pensará** que ela **irá** desabar sobre **você**, e **conseguirá** dar duas braçadas em sua direção. **Será** o necessário para não ser colhido pela arrebentação: **será** erguido, e depois levado pelo repuxo. Talvez **possa** tomar pé, ao menos por um instante, na depressão da onda que **terá passado**. **Experimentará**; não. Essa tentativa frustrada **o irritará** e **o cansará**. **Terá** dificuldade de respirar, e **verá** que já **estará vindo** outra onda. **Será** melhor talvez mergulhar, deixar que ela passe por cima ou **o carregue**; mas não **conseguirá** controlar a respiração e fatalmente **engolirá** água; com o choque **perderá** os sentidos. **Será** outra vez suspenso pela água e novamente **se deitará** de costas, na esperança de descansar um pouco os músculos e regular a respiração; mas **virá** outra onda imensa. Os braços se **negarão** a qualquer esforço; você **agitará** as pernas para **se** manter na superfície e ainda uma vez **conseguirá** escapar à arrebentação.

Subseção III

IMITAÇÃO DA ÁGUA

De flanco sobre o lençol,
paisagem já tão marinha,
a uma onda deitada,
na praia, te parecias.

e se fizesse montanha
(por horizontal e fixa),
mas que ao se fazer montanha
continuasse água ainda.

Uma onda que parava
ou melhor: que se continha;
que contivesse um momento
seu rumor de folhas líquidas.

Uma onda que guardasse
na praia cama, finita,
a natureza sem fim
do mar de que participa,

Uma onda que parava
naquela hora precisa
em que a pálpebra da onda
cai sobre a própria pupila.

e em sua imobilidade,
que precária se adivinha,
o dom de se derramar
que as águas faz femininas

Uma onda que parava
ao dobrar-se, interrompida,
que imóvel se interrompesse
no alto de sua crista

mais o clima de águas fundas,
a intimidade sombria
e certo abraçar completo
que dos líquidos copias.¹⁰

¹⁰ MELO NETO, João Cabral de. *Poesias completas*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975)

O título de um texto pode dar uma boa pista do sentido a ser construído na leitura. Este é o caso de *Imitação da Água*, um poema de João Cabral de Melo Neto que tem por tema a apreensão de uma semelhança (observar, além do título, os verbos *parecer*, na primeira estrofe, e *copiar*, na última).

Esse título pode ser lido em dois sentidos: um em que a água é agente da imitação (a água imita alguma coisa), e outro em que a água é objeto da imitação (alguma coisa imita a água). Que coisa é essa? A quinta estrofe fornece a resposta – *montanha* – e desfaz a ambiguidade: a água, erguendo-se como onda, assume a forma da montanha. Esta semelhança, no entanto, só é afirmada em seu contorno visual (*horizontal e fixa*), pois é negada em sua substância (*água ainda*) e duração (*imobilidade precária*).

No livro *Quaderna*, a que pertence *Imitação da água*, bem como em *Serial*, encontram-se muitos poemas construídos mediante o processo da reiteração. A primeira estrofe é como o *lead* de uma notícia de jornal; o restante do poema desenvolve o conteúdo sintetizado no início. O poema vai sendo composto como uma sucessão de ideias que se desdobram a partir de um tópico discursivo ou núcleo semântico fundamental. No caso deste poema, esse tópico/núcleo é representado por ‘uma onda’. Para realizar esse projeto de construção, o poeta retira de uma estrofe uma unidade de informação e acrescenta dados novos a respeito dela na estrofe seguinte.

Em *Imitação da água*, a primeira estrofe resume o símile e as sete restantes o desdobram. O símile é inscrito pela forma verbal ‘parecias’: a realidade imediata (*De flanco sobre o lençol*) evoca uma imagem análoga (*uma onda deitada*), que ocupará o espaço do poema até o penúltimo verso. O poema se esgotaria na primeira estrofe se a proposta do poeta fosse a fixação da semelhança entre a mulher, conceito implícito, e a onda. Ele abandona esse conceito implícito – termo comparado – e se detém no comparante, cuja natureza perscruta e dissecar a fim de alcançar a ‘comparação perfeita’, isto é, uma referência para o signo *onda* que incorpore os atributos do signo *mulher*.

Essa referência não se encontra na realidade; ela só existe como obra da linguagem. Para construí-la, o poeta se vale de dois procedimentos entrosados: a acumulação e a retificação, expressas por meio de recursos gramaticais variados, entre os quais sobressai a construção de relativização. São nada menos que quatorze orações adjetivas assinaladas pelo pronome ‘que’, uma única vez subentendido (*e se fizesse montanha*). O primeiro operador de retificação é ‘ou

melhor', na segunda estrofe: por meio dele, 'parava' – que denota a interrupção espontânea do movimento – dá lugar a 'se continha' – uma construção reflexiva, com um verbo que indica uma ação voluntária, de um sujeito que assume conscientemente o controle do próprio ato. O verso seguinte procede a uma segunda retificação: 'continha', forma do modo indicativo, dá a vez a 'contivesse', forma subjuntiva. Essa transição para o modo subjuntivo se dá justamente no momento em que é introduzido o primeiro comparante da onda, não obstante implícito: a onda é metaforizada como árvore (*rumor de folhas líquidas*).

A acumulação continua nas estrofes seguintes, em que são introduzidos novos comparantes: animal (*em que a pálpebra da onda / cai sobre a própria pupila*), elevação de terra (*e se fizesse montanha*). As três comparações acrescentam traços de sentido sensorial (audição e tato na sinestesia *rumor de folhas líquidas* e visão nas demais). A estaticidade de 'e se fizesse montanha' é retificada por 'continuasse água ainda', com a devida marcação da adversativa 'mas'.

A perfectividade da forma verbal *parava*, empregada na quarta estrofe, denota o estágio final do processo de erguer-se da onda, que se faz 'montanha'. A partir já da quinta estrofe desenha-se o processo de retorno ao dado inicial (*a mulher deitada*), com a progressiva desconstrução da onda: repõe-se o cenário de intimidade (*praia cama*), e a mulher reaparece num estereótipo cultural (*o dom de se derramar / que as águas faz femininas*).

A última estrofe completa a interiorização do cenário, o retorno ao espaço de intimidade, e a mulher reaparece integral, não mais como alvo estático do olhar ('De flanco sobre o lençol'). O que na primeira estrofe era aparência (*parecias*) deu lugar ao ser em dimensão concreta (*copias*). Os termos 'abraçar' e 'copias', o primeiro um substantivo, o segundo um verbo, mas ambos referentes a atos deliberados ou conscientes, agora retratam a mulher no papel de sujeito na cena amorosa (*e certo abraçar completo / que dos líquidos copias*).

Para concluir

As palavras e as construções sintáticas são formas potencialmente significativas armazenadas na memória de seus usuários, mas é no ato interativo socialmente situado que os sentidos que de fato interessam são gerados/percebidos/trocados como discurso e sob a forma de textos. Neste caso, o que

conta não é o que está no mundo como assunto potencial, ou mesmo o que está na cabeça do enunciador como compreensão desse mundo e conteúdo a comunicar, mas o sentido que o interlocutor é capaz de construir com base nos símbolos – ou signos – que são empregados e nos sinais com que se busca roteirizar sua compreensão.

Já é longo – mas provavelmente nunca será conclusivo – o debate sobre a utilidade e os benefícios da reflexão sobre a língua no processo de aquisição de suas múltiplas formas e usos. Perguntamo-nos muitas vezes se o conhecimento de gramática é um alicerce necessário de nossas habilidades de expressão e compreensão numa língua. A resposta é *sim* se estivermos cientes de que todo uso de uma língua como meio de intercompreensão, em qualquer de suas modalidades – falada ou escrita, coloquial ou cerimoniosa – implica o emprego, conscientemente ou não, de regras gramaticais (gramática implícita ou internalizada). Conforme nos diz Carlos Franchi, “antes de ser um livro de etiquetas sociais ou um manual descritivo, a gramática é, de início, esse saber linguístico que todo falante possui, em um elevado grau de domínio e perfeição.”¹⁰ O princípio que norteou minha reflexão ao longo deste ensaio aponta para a seguinte conclusão: o trabalho com a gramática deve ter por finalidade o desenvolvimento de uma técnica de descoberta e de tomada de consciência dos recursos estruturantes dos enunciados e dos textos que aguce a sensibilidade linguística do estudante e desenvolva nele uma espécie de discernimento e de capacidade crítica e avaliativa benéficos ao desempenho da leitura e da expressão.

THE GRAMMATICAL ANALYSIS AND EXPLANATION OF TEXTS

ABSTRACT

The language we speak is a domain of knowledge and expression that reflects, in radical contrast, two ways of being in the world: those who like repeats and as one who creates. We can have a relationship with the language of subjection to set formulas, contenting

¹⁰ FRANCHI, Carlos et alii. *Mas o que é mesmo gramática*. São Paulo: Parábola, 2006.

ourselves with the repetition of a learned discourse, or we can accept the challenge to observe the operation of that speech and the ownership of the means of putting the language in the service of our creativity and of our findings. It is argued in this essay the second alternative as a means of providing students with a real prospect of enlargement of the intellectual and cultural horizons.

KEYWORDS: Language and knowledge; language teaching; explanation of texts.

Recebido em: 25/04/2012

Aprovado em: 14/12/2012